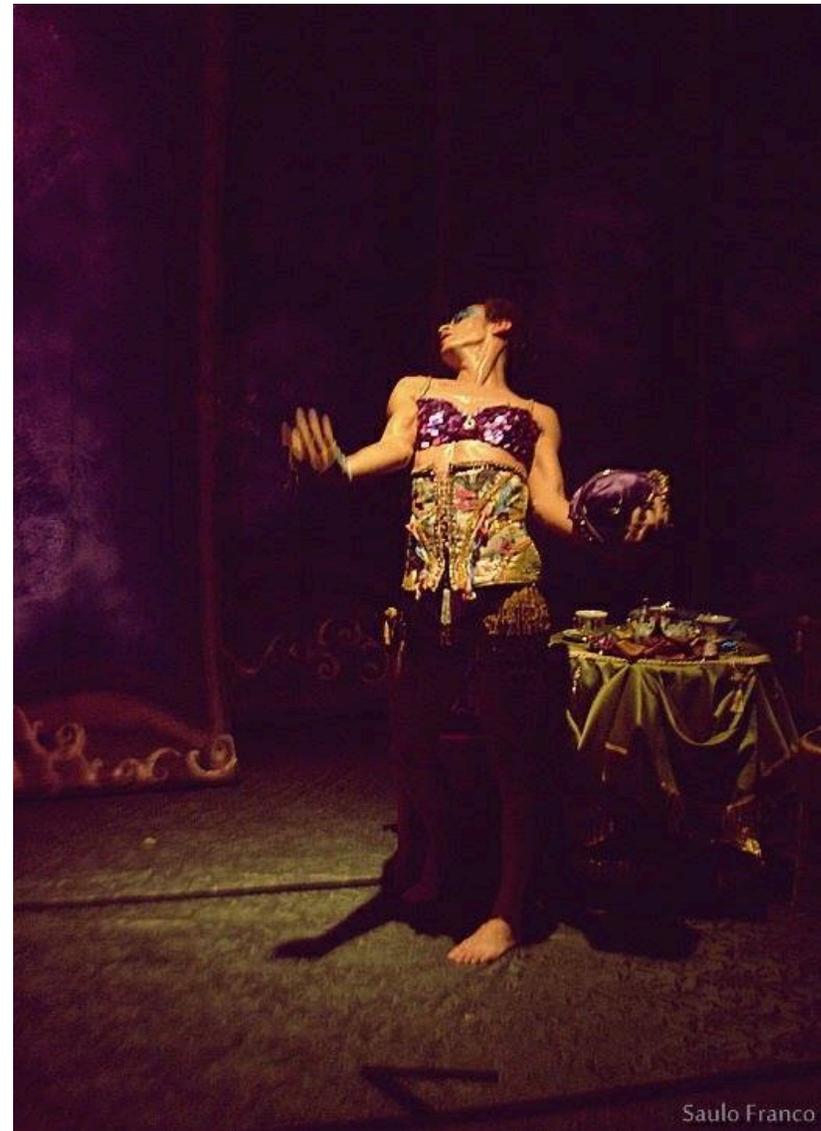
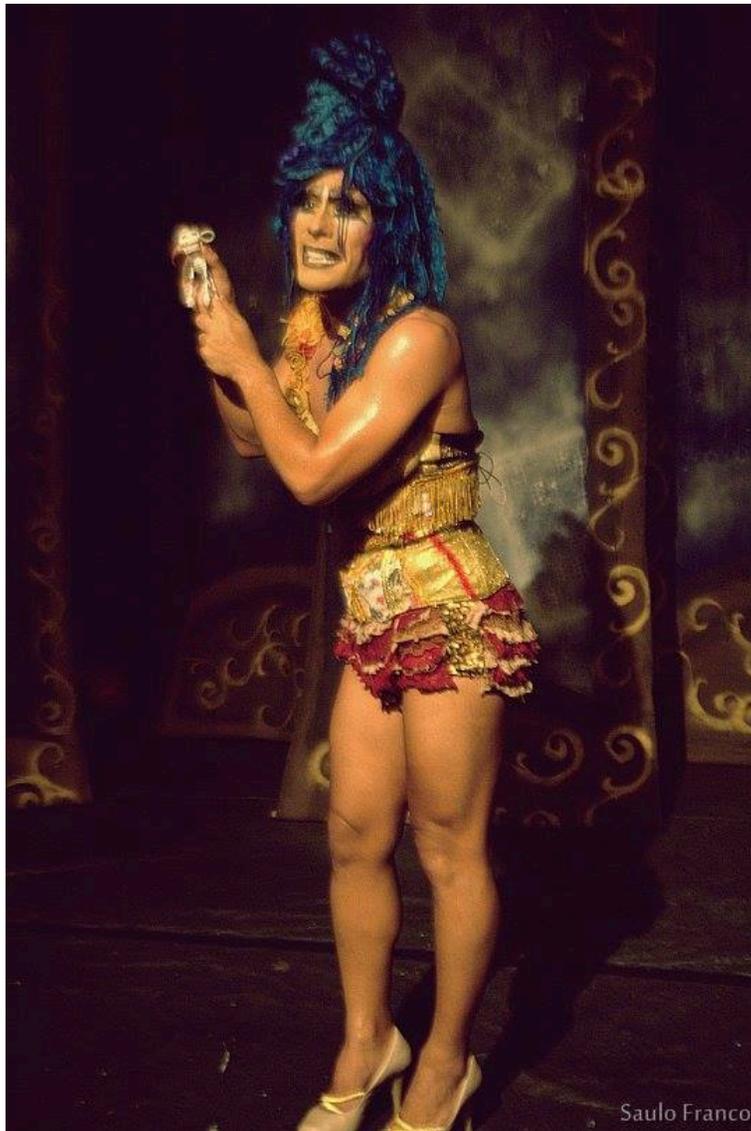






Saulo Franco

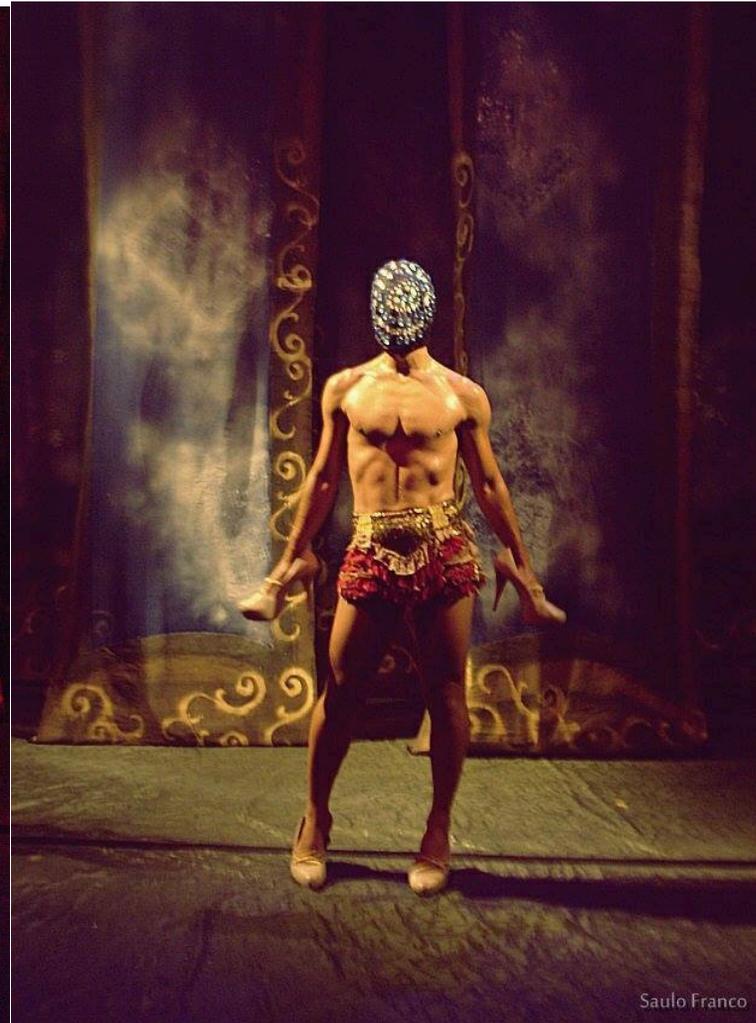
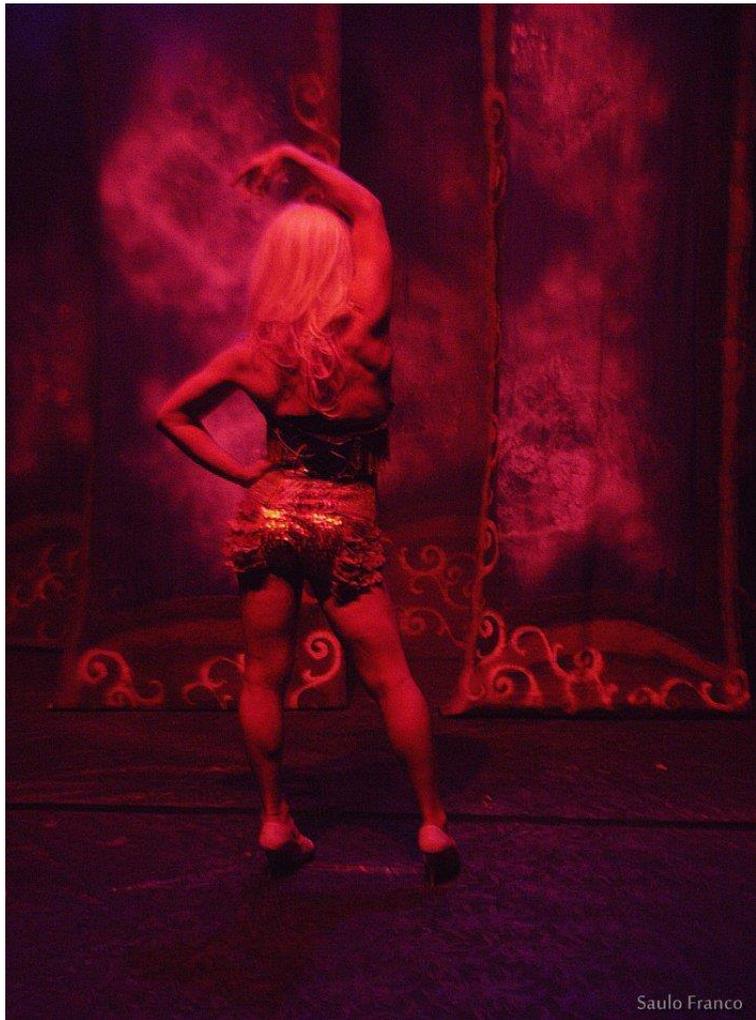














Criança

me sentia com uma burca imensa.
tinham ali naquelas dobras muita história,
por dentro, como o recheio de uma empada.
tinha lá dentro da redoma uma rosa,
mas a redoma a queria só pra ela, parecia cola.
parecia uma vela que se queima
e desdobra vales e vales de cera.
a água dentro de uma mangueira apertada.
um vulcão que ainda não está presente. mas tinha cola.
com olheiras roxas e uma vontade
de me esconder sob a capa,
me debatia forte por entre as suntuosas pilastras
e nas cabeças dos dardos jogados contra mim.
eu projetava ainda mais a parte
que ia ser flechada pra adiantar um nãon de sofrimento
e principalmente calar logo aqueles ecos na minha cabeça.
eu era vozes, apenas.
sempre na borda da privada prestes a cair
em rodopios aquáticos só que por algum peso excessivo
caía no mármore duro.
e não quicava, só adquiria muita flexibilidade,
entrava no chão e adquiria a forma
de uma panela de pressão velha que vai se amassando;
e quando se vê, nem em pé fica,

com a alça pesando mais pra um lado
na tentativa antifísica de se equilibrar.
querido, você não foi feito por Michelangelo,
você foi feito que nem massa de pão.
você está em constantes murros,
a máquina de fazer seus pulmões sobreviverem
é o osso do punho cerrado contra suas costas.
olha que imagem bonita.
e nesse vaidavalsa passaram-se tremendos anos.
dores dores dores! Inacabáveis dores.
raiva dos davis de Michelangelo das vitrines,
me sugavam a alma.
o Fígado ótimo, mas e aqueles roxos dos murros
que pareciam punhais purulentos?
completamente além-enígena,
me acostumara com minha doença congênita.
eu de mártir passei a santodopauoco.
ninguém prevê o que se tem dentro.
aquela empada birosquenta.
eu chegava a sentir uma vontade incrível
de implodir e de que tudo acabasse,
que chegasse a hora da minha vó preparar
aquele pão de queijo... de novo comida.
alguém pegaria os cacos?

extra-terrestre eu não existia.
por dentro me ajoelhava pra ser salvo,
mas o que me salvou foi aquela vó cá dentro do peito.
Depois de muito tempo, muito muito tempo.
mas muito mesmo.
preso na masmorra, aquela dura passagem de tempo
me castigou.
ainda hoje eu guerrilheiro traumatizado surto.
a energia que eu gastei arranhando
os duros tijolos em desespero não é nada, desisti logo.
mas bati, sinto dores na cabeça até hoje.
tentei, me joguei da torre muito alta,
mas antes me cortei em 7 pedaços
porque os buracos das grades eram estreitos.
sinto as vezes o maxilar doendo,
que animal besta morde o ar?
e qual mais idiota morde o próprio dente?
a cobra que engole seu próprio rabo.
eis que surge a direção,
fechei os olhos. fechei.
e assim caí na corredeira.

Bonecas

Pedacinho do céu, portal.
Instrumentos divinos de conexão com o sagrado, prazer.
Magia em cápsulas as bonecas.
E me levaram a outras magias.
Porquê simplesmente porquê
existe uma cor pra meninas e outra para meninos?
Isso nunca me responderam,
sempre vieram até mim e me falaram que não;
depois de um tempo de pratica comecei a ler nos corpos
que eles iam falar que não,
então prolongava o prazer escondido.
Prazer proibido. mas aquilo só podia ser santo!
aquela entrega, aquela oferenda venusiana
só podia ser de um planeta muito bonito
e também muito distante.
a chave era a boneca.
era só uma chave que se encaixava,
que ativava em um molde negativo,
um receptor perfeito.
Máquinas com turbinas precisam ser esquentadas?
as bonecas não. Pobres medíocres.